



Planck com o filho Erwin num passeio pelas montanhas

Equilíbrio impossível: Max Planck no período do Terceiro Reich

Ana Simões

MAX PLANCK NASCEU EM 1858. DAÍ QUE ESTE ANO SE TENHAM ORGANIZADO VÁRIAS CELEBRAÇÕES EM TORNO DA FIGURA DESTES GRANDES FÍSICO ALEMÃO. FOI, TAMBÉM, TENDO ESTA EFEMÉRIDE EM MENTE QUE OPTEI POR DEDICAR A PLANCK OS TRÊS ARTIGOS DA RUBRICA “FÍSICA E SOCIEDADE” DE 2008.

No primeiro falei de Planck na sua relação com a física na pujante cidade de Berlim, no segundo discuti a complexa introdução dos quanta na física e,¹ finalmente, no último proponho-me abordar aspectos da permanência de Planck em Berlim e do seu papel no Terceiro Reich.

Dizia no primeiro artigo que “a união crescente a uma cidade, para que se mudou definitivamente aos 31

anos, a ligação filial a um país, à ciência alemã e a tudo o que para ele esses elos de mais caro significavam, pode ajudar-nos a entender o dilema último de Planck: não ter abandonado Berlim no período do Terceiro Reich e ter acabado por ceder ao inferno de Hitler.”²

Em 1933, quando a descida aos infernos começou, Planck completara 75 anos de idade. Prémio Nobel (1918) há mais de uma década, era então um respeitado patriarca da física, reconhecido nacional e internacionalmente como tal, líder e organizador da comunidade científica, calmo, ponderado, conservador, homem de princípios e inabalável defensor da liberdade da ciência e do relacionamento entre cientistas oriundos de vários países, quer estes se encontrassem ou não em guerra. Podemos afirmar que era, então, o representante incontestado não só da ciência berlinense como da ciência alemã. A sua vida científica atravessara já etapas tão diversas politicamente quanto o tinham sido os períodos do império germânico, da Primeira Guerra Mundial e da República de Weimar. Herdara do período imperial uma postura patriótica conservadora, cumpridora da ordem social estatal, um sentido de dever prussiano e o ideal alemão de justiça e



Ao lado : Planck assiste a cerimônia ao lado de nazis e Planck numa inauguração em 1935, em que se observa na segunda versão o tratamento fotográfico com eliminação de representantes nazis (Imagens da biografia de John Heilbron⁹). Ao centro destas páginas: Planck na biblioteca da sua casa. (Créditos AIP)

ordem.³ E estes valores permitem, talvez, entender por que é que, ao contrário de Albert Einstein, Planck que sempre foi tão cauteloso nas suas afirmações públicas sobre política, tivesse assinado, durante a Primeira Guerra Mundial, o terrível “Apelo ao Mundo Civilizado,” em que noventa e três membros da elite intelectual alemã legitimavam o militarismo galopante da Alemanha enquanto escudo protector da sua cultura. O desconforto que Planck sentira no período da República de Weimar, que este “republicano da razão”⁴ tinha dificuldade em entender, não o impedira de continuar então a insistir na importância da ciência como fonte de cultura. Mas esperava- o uma provação última perante os desafios políticos extremos colocados aos cientistas com a ascensão do nazismo. Ao permanecer em Berlim teve que pactuar com as autoridades nazis mas também foi autor de actos de coragem. Entre a autonomia e a acomodação, o equilíbrio foi sempre instável, impossível mesmo! Na *Autobiografia intelectual* que escreve pouco antes de morrer, e que já será publicada postumamente, nunca se refere às suas intervenções no campo da política científica que não se circunscreveram ao período nazi. Assim, aparece-nos erroneamente como um físico isolado do mundo que deste período negro menciona apenas a sua dedicação como orador, proferindo qual pregador palestras um pouco por todo o lado.⁵ A verdade é que à medida que ia envelhecendo apostou em reflexões públicas, em colóquios, entrevistas, artigos de divulgação em revistas e jornais, em que explanava as suas ideias sobre aspectos filosóficos, epistemológicos e ideológicos da física e da ciência em geral, uma manifestação da sua crença no valor cultural da ciência.

Sabemos que os seus valores éticos e sentido apurado de dever o levaram constantemente a aceitar variados cargos administrativos e funções públicas em prol da física e da ciência, tanto mais que considerava que esta era a forma mais eficaz de promover a coesão e o dinamismo da comunidade científica. A lista de cargos que ocupou é impressionante. Mencionarei apenas alguns: foi membro da Sociedade Alemã de Física, pertenceu ao seu corpo directivo por mais de três décadas, e foi seu presidente (entre 1905 e 1908 e no ano 1915-1916),⁶ tendo sido editor da reputada revista *Annalen der Physik*; foi reitor da Universidade de Berlim (1914-1915), foi secretário permanente da Academia das Ciências da Prússia entre 1912 e 1938 e, em 1930, assumiu ainda a presidência da Sociedade Kaiser Wilhelm para a Promoção da Ciência, cargo que manteve até 1937. Foi um



dos principais motores da criação do Instituto Kaiser Wilhelm de Física, cujo edifício foi inaugurado no ano terrível de 1938, a que atribuiu as funções de uma verdadeira “arca de Noé” capaz de, através do dilúvio nazi, levar a bom porto a física alemã.⁷ O prestígio de Planck metamorfoseou-o no símbolo por excelência da ciência alemã nas primeiras décadas do século XX. E, por isso, acabou por permitir que o regime nacional-socialista o usasse nesse sentido e até como exemplo “do tipo ideal germânico”.⁸ Ao ponto de tolerar que, em 1942, o Ministério da Propaganda de Goebbels fizesse um filme sobre ele para o Arquivo de Celebidades (Filmarchiv der Persönlichkeiten). É verdade que, apesar de obedecer à proibição de não mencionar o nome de Einstein, não se coibiu então de elevar a teoria da relatividade aos píncaros da física teórica, tal como fazia frequentemente nos seus discursos sobre ciência.

Como qualquer cientista com cargos públicos oficiais que optasse por permanecer em Berlim, Planck teve que pactuar com situações nefandas que incluíram fazer a saudação a Hitler ou terminar certo tipo de correspondência com oficiais nazis com um “Heil Hitler!”, tratar com deferência líderes nazis, enviar respeitosos telegramas ao Führer, proferir conferências em salões adornados de cruzes suásticas, não se referir nunca nos seus discursos explicitamente a Einstein, Emil Warburg ou a quaisquer cientistas judeus. Como presidente da Academia das Ciências e da Sociedade Kaiser Wilhelm teve que se livrar, já entrados os anos de 1937 e 1938, dos membros não-arianos destas instituições. Fê-lo depois de ter defendido a independência destas instituições quando muitas já tinham sucumbido, mas ainda assim não evitou a catástrofe final. E depois apresentou a sua demissão.

Provavelmente em Maio de 1933, manteve um “tête à tête” com Hitler. Planck pretendia interceder a favor do seu amigo judeu Fritz Haber, descobridor da síntese da amónia a partir do azoto atmosférico, tão importante na Grande Guerra e, mais geralmente, convencer o “führer” que muitos judeus eram bons alemães e que a expulsão de cientistas judeus acabaria por liquidar a ciência alemã. Hitler terá replicado:

“não tenho nada contra os judeus. Mas os judeus são todos comunistas, são meus inimigos e contra eles faço a guerra.” Ao que se seguiu um típico ataque de fúria.⁹

Apesar da sua participação em acontecimentos tão indignos como os acima mencionados, Planck não foi um colaborador nazi. Aliás o seu estatuto de figura cimeira da física alemã tornou-o personagem incómoda para o desenvolvimento do projecto de uma “física ariana” dos dois prémios Nobel da física Philipp Lenard (1905) e Johannes Stark (1919). Críticos da física judaica, que definiam com teórica, abstracta, matemática, dogmática, artificial e não intuitiva, eram os arautos de uma verdadeira “física alemã”. Se Einstein era o expoente e a relatividade a expressão máxima da física não-ariana, até Werner Heisenberg lhes mereceu o epíteto de “judeu branco”.

Foi especialmente em ocasiões comemorativas que Planck conseguiu fazer frente ao regime. Referirei apenas dois exemplos. Em 1935, Planck decidiu organizar uma cerimónia de homenagem a Fritz Haber, um ano após a sua morte. Haber tinha sido o primeiro director do Instituto Kaiser Wilhelm de Química-Física e de Electroquímica até se recusar a recorrer à isenção governamental que permitia aos judeus que tinham servido na Primeira Guerra Mundial reterem os seus lugares como funcionários públicos. Acontece que Haber não estava disposto a obedecer à “tradição” nazi que seleccionava colaboradores científicos em função da sua raça e não da sua competência. Haber optara por emigrar, morrendo poucos meses depois. Contra a expressa oposição do Ministro da Educação, Planck manteve-se inabalável na sua determinação de homenagear o amigo de sempre. E apesar dos funcionários públicos estarem expressamente proibidos de assistir à cerimónia, esta decorreu condignamente num auditório quase cheio.

Por ocasião da celebração dos seus oitenta anos, Planck decidiu atribuir a Louis de Broglie, por razões não exclusivamente científicas, a medalha Planck. Esta era uma dupla afronta contra a ideologia nazi e a física ariana, pois de Broglie não só era francês como

era um físico teórico. Nessa ocasião, Planck decidiu ainda referir dois dos seus estudantes. Um foi Max von Laue, que demonstrou constantemente grande coragem cívica face aos nazis e de quem Einstein disse ter sido dos poucos que permaneceu decente no período do nacional-socialismo. O outro foi o positivista lógico Moritz Schlick, um crítico das concepções de ciência de Planck e da ideologia nazi. Planck pensou ingenuamente que podia usar o regime nacional-socialista, mas foi acima de tudo usado por ele. Não admira pois que John Heilbron, um dos biógrafos de Planck, tenha afirmado que no período nazi Planck tinha, como sempre, actuado em conformidade com a sua visão do mundo mas que, desta vez, esta não lhe permitira escapar com a honra intacta.¹⁰

À consciência do beco sem saída em que se encontrava à medida que a guerra avançava, acresceram situações particularmente sombrias. Em Fevereiro de 1944, a casa de Planck ardeu na sequência de um ataque aéreo, com toda a biblioteca e os seus documentos: diários, cadernos de apontamentos, correspondência e publicações. Um ano depois, o seu grande confidente Erwin, o filho mais novo do seu primeiro casamento e único sobrevivente dos quatro que tinha tido com a primeira mulher, é acusado de participar no atentado de 20 de Julho de 1944 contra Hitler e é sumariamente assassinado.

Apesar de tudo isto, Planck ainda arranjou forças para se deslocar a Londres na primavera de 1946 para participar numa homenagem a Isaac Newton na Royal Society e, assim, tentar salvar a imagem danificada da Alemanha e da sua cultura. Foi o único alemão presente nesta cerimónia. E de mais uma vez assumir a presidência da Sociedade Kaiser Wilhelm no período imediato do pós-guerra, quando as forças de ocupação discutiam o seu encerramento. O que nunca chegou a acontecer pois esta sociedade acabou por ceder o seu lugar à nova Sociedade Max Planck.¹¹ Sinal de que os tempos sombrios por que passou e as concessões que fez ainda assim não permitiram que a reputação científica, integridade moral e prestígio internacional de Planck saíssem lesados.¹²



Ana Simões é Historiadora das Ciências e Professora da Universidade de Lisboa. Coordena também o Pólo de Lisboa do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, que agrega investigadores da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa.

¹ Ana Simões, “Impressões de uma cidade renascida: Berlim, física e Max Planck,” *Gazeta de Física* 31 (1/2) (2008), 13-16; Ana Simões, “Max Planck (1858-1947), um revolucionário conservador,” *Gazeta de Física* 31 (3) (2008), 7-11.

² Ana Simões, “Impressões de uma cidade renascida”, op.cit. (1), 13.

³ Dieter Hoffmann, “Planck, Max”, *New Dictionary of Scientific Biography*, 6 (2008), 111-115, 113.

⁴ Ibid.

⁵ Max Planck, “A scientific autobiography”, in *Scientific autobiography and other papers* (Nova Iorque: Philosophical Library, 1949), pp. 13-51.

⁶ Para uma análise de aspectos da vida desta sociedade no período nazi consultar Dieter Hoffmann, “Between autonomy and accommodation: the German Physical Society during the Third Reich,” *Physics in Perspective* 7 (2005), 293-329.

⁷ John Heilbron, “In shipwreck,” in *The dilemmas*

of an upright man. Max Planck and the fortunes of German science (Berkeley: University of California Press, 1986), pp. 149-203, secção intitulada “The ark”, pp.175-179.

⁸ Heilbron, “In shipwreck,” op.cit. (7), p. 189.

⁹ John Heilbron, “Afterword, 2000,” in *The dilemmas of an upright man. Max Planck and the fortunes of German Science* (Harvard: Harvard University Press, 2000), 2ª edição, pp. 205-219, p. 210. Heilbron discute as opiniões divergentes de historiadores da ciência sobre o conteúdo e resultado da conversa com Hitler e o seu significado em termos das cedências feitas por Planck e da sua hipotética colaboração com o regime nacional-socialista.

¹⁰ Heilbron, “Afterword,” op.cit. (9), p. 217.

¹¹ Peter Debye, a quem o historiador Dieter Hoffmann apelidou de “cientista típico em tempos atípicos”, ao discutir as acusações de colabora-

cionismo feitas ao físico holandês por alguns historiadores das ciências, já tinha conseguido inaugurar em 1938 o novo instituto de que seria director, baptizando-o, contra as maquinações de Lenard e de Stark, com o nome Instituto de Física Max Planck em vez de Instituto Kaiser Wilhelm de Física.

¹² Max von Laue, “Memorial Address,” in *Scientific autobiography and other papers* (Nova Iorque: Philosophical Library, 1949), pp. 7-11. Laue terminou o seu discurso fúnebre afirmando simplesmente que uma das coroas, a mais singela que se encontrava no recinto, tinha sido colocada por ele em nome de todos os alunos de Planck, “entre os quais me conto, como símbolo precíval do nosso afecto e gratidão sem limites.”